

# Persistência de jogadoras contribuiu para crescimento do futebol feminino

**(Agência Brasil, 09/09/2015)** Os megaeventos esportivos no Brasil, a retomada do Campeonato Brasileiro Feminino, os investimentos do governo federal e a formação da Seleção Feminina Permanente são fatores que contribuíram para a situação de maior visibilidade do futebol de mulheres hoje. A avaliação de que houve melhorias na modalidade foi feita por treinadores e jogadoras entrevistados pela Agência Brasil.

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialista na temática mulher e esporte, Silvana Goellner acrescenta um fator à lista: a persistência e a dedicação das atletas.

**Leia mais:** [Realidade de times femininos vai de atletas sem chuteiras a clubes bem equipados \(Agência Brasil, 09/09/2015\)](#)

“Podemos atribuir [essas conquistas] também à persistência dessas mulheres que, com um cenário tão adverso, continuaram investindo no futebol. Apesar de entender o futebol de mulheres como ocupação, e não como profissão, pois muitas delas precisam ter outras formas de subsistência”, destacou a pesquisadora.

Ela lembrou da jogadora Bagé (Daiane Rodrigues) que hoje está no time paulista São José e que, além do futebol, mantém uma pastelaria com uma colega ex-jogadora do time, Priscila Rossetti (Priscilinha). “Faço essa atividade na parte da noite, porque durante o dia é o futebol”, explicou Bagé, que vai disputar o Campeonato Brasileiro Feminino pelo clube.

Silvana diz que o futebol masculino no Brasil é uma exceção a todos os esportes e discorda de comparações entre a modalidade feminina e a masculina. “[O futebol masculino no Brasil] não pode ser comparado nem ao feminino nem a outra modalidade esportiva, seja em termos de investimento, visibilidade, condições de infraestrutura ou calendário de campeonato”, afirmou.

Para ela, ao tentar comparar situações, é fácil cair no discurso da “ausência e da falta” e deixar de enxergar as potencialidades. “Estamos saindo de uma fase de quase invisibilidade para um movimento mais sensível de reafirmação das mulheres no futebol”, explicou.

A jogadora do Adecó Mayara Bordin, 27 anos, avalia que o modelo construído no masculino não deve ser perseguido pelo feminino.

“Acho que não tem necessidade de chegar no jeito que eles estão, porque se vê onde os clubes estão chegando, se atolando em dívidas. Acho que não tem necessidade, mas não tem porque a gente viver do jeito que a gente vive”, avaliou.

Mayara lamenta que os salários ou a ajuda de custo das jogadoras não cheguem a 1% do total recebido pelos homens. O Adecó - time do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, equipamento da prefeitura de São Paulo para esporte de alto rendimento - foi o campeão do Brasileirão feminino em 2013.

Mayara lembra que essas disparidades não ocorrem apenas no futebol. “Em todos os campos

de trabalho, há diferenças muito grandes em termos de salário, condições”, lamentou.

Além das questões salariais, Silvana diz que há muito preconceito e que as desigualdades de gênero se expressam de diversas formas no futebol. “Um discurso recorrente é que o futebol feminino não atrai mídia porque os uniformes são muito largos, as mulheres não são bonitas e, às vezes, ostentam um comportamento muito masculino. Esse tipo de preconceito existente no futebol é um dos entraves para o desenvolvimento da modalidade”, avaliou.

A pesquisadora percebe o futebol como um espaço democrático que acolhe grupos de mulheres excluídos – que não representam uma feminilidade esperada pela sociedade e, por isso, não conseguem inserção em outros esportes. “Elas encontram no futebol um espaço de expressão, de empoderamento e de sociabilidade”, destacou a professora dizendo que é comum a presença de mulheres pobres, negras e lésbicas no futebol feminino.

Ela critica discursos, em especial o da imprensa, que valorizam aspectos não relacionados à prática esportiva. “Falar da beleza das jogadoras é um detalhe que não interessa. O que teria que se falar é das habilidades esportivas, técnicas, táticas, isso que é importante no esporte”, defendeu.

Silvana tem receio de que os investimentos cessem após os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, e, por isso, destaca a importância do diálogo entre entidades esportivas e o Poder Público. A professora defende a modalidade feminina como um aspecto da identidade nacional. “Colocar na pauta política a questão do futebol e as mulheres é algo importante para a representação do Brasil e é uma conquista do esporte brasileiro”, afirmou.

*Camila Maciel; Edição: Lilian Beraldo*

**Acesse no site de origem:** [Persistência de jogadoras contribuiu para crescimento do futebol feminino \(Agência Brasil, 09/09/2015\)](#)

---

## **Melhor do mundo, Serena Williams só não consegue derrotar o racismo**

**(Esporte Final, 31/08/2015)** Serena Williams tinha 6 anos de idade quando a alemã Steffi Graf venceu o US Open em 1988 e alcançou o raro feito de ganhar os quatro Grand Slams do tênis em uma mesma temporada. Nesta segunda-feira, a americana entrará na quadra Arthur Ashe às 20h para encarar o primeiro de sete degraus que precisará subir para ser campeã em Nova York e repetir o feito, inédito nestes 27 anos. Contra a russa Vitalia Diatchenko, 86ª colocada do ranking, a número 1 do mundo deve ter facilidade para se aproximar mais um pouco da taça. Diferentemente da dificuldade que encontra desde antes de 1995, quando se tornou profissional, com o racismo, ainda que muitas vezes velado.

Serena é certamente a melhor tenista deste século. Se levantar a taça dia 13 de setembro, não apenas igualará o feito de Graf em 1988, como também empatará em número de títulos de

Grand Slam com a alemã, vencedora 22 vezes. À frente dela haverá apenas a australiana Margaret Court, com 24 conquistas. Além dos títulos de simples, a americana tem 13 conquistas de Grand Slam em duplas e quatro ouros olímpicos. Um total de 91 títulos na carreira, jogando sozinha ou em parceria. Como discordar se alguém disser que se trata da melhor tenista de todos os tempos? E foi o que disse recentemente o lendário John McEnroe, número 1 do mundo nos anos 1980.

Mas, como escreveu Claudia Rankine em reportagem do “The New York Times”, “Imagine se, apesar de tudo isso, houver muitas coisas ruins ditas sobre você, que você foi dada como um dos motivos para que replays de jogadas pudessem ser usados nas quadras. Imagine que você tenha de lidar com críticas sobre seu corpo que perpetuam noções racistas a respeito das mulheres negras, de que são hipermasculinas e pouco atraentes. Imagine que lhe peçam para comentar, durante uma entrevista antes de um torneio, por que o presidente da Federação Russa de Tênis, Shamil Tarpishev, descreveu você e sua irmã como ‘irmãos’ e que são ‘assustadores de se olhar’. Imagine”.

Serena é uma mulher forte, bem diferente do tipo boneca de porcelana de boa parte das tenistas do leste europeu, como a russa Maria Sharapova. Sua técnica apurada e potência combinadas formam uma atleta praticamente invencível, ainda que em uma idade (33 anos) em que quase todos os tenistas, homens e mulheres, já não entregam mais resultados expressivos em grande quantidade. Por causa de sua força, já foi confrontada com a ideia absurda e machista de jogar contra homens. Estranhamente, Sharapova, grande campeã, mas vencedora de apenas dois dos 20 confrontos contra Serena, é a atleta mais bem paga do mundo, segundo a revista “Forbes” – com US\$ 29,7 milhões, aparece em 26º no geral. A americana é 47ª, com US\$ 24,6 milhões.

Nos próximos dias, enquanto acontece o US Open, folheie jornais e revistas, acesse sites esportivos e conte o número de fotos de Serena e de suas rivais de pele branca (Sharapova, lesionada, não jogará a competição). Procure Serena e depois procure outras tenistas em notícias na imprensa não-esportiva. E tente explicar. Serena desconversa a respeito. “Há lugar para todas na mesa.”

Mas, apesar da frase política, Serena não aceita gentilmente e de cabeça baixa o racismo. Ela não tenta ser discreta ou passar despercebida. Serena vibra, pula, usa cores extravagantes, convive bem com seu cabelo, que não precisa de um ferro quente para ser bonito – embora o alise de vez em quando simplesmente porque é seu desejo.

Em março, voltou a disputar o Masters 1.000 de Indian Wells, na Califórnia, depois de uma ausência de 14 anos. Em 2001, ouviu ofensas vindas do público na final e decidiu, ao lado da irmã, Venus, boicotar um dos mais importantes torneios do circuito. Retornou com vitória difícil na estreia e choro em quadra. Mas teve de abandonar a competição antes de jogar a semifinal, por causa de uma lesão no joelho direito.

A volta de Serena a Indian Wells tem como principal articulador Patrick Mouratoglou, técnico da tenista desde 2012 e hoje também seu namorado. Ao anunciar o retorno, a líder do ranking contou que logo depois do título de 2001 passou “horas no vestiário chorando como se tivesse perdido o jogo mais importante da história”. “É difícil esquecer, lá eu perdi um pedaço de mim”, contou. Serena fez da volta ao torneio californiano um momento para auxiliar a Equal Justice Initiative, uma ONG que levanta fundos para dar assistência jurídica a réus que não conseguem ter um tratamento justo. Cerca de 12% da população americana é de negros, que

representam, no entanto, 60% da população carcerária.

A parceria com Patrick Mouratoglou funcionou e o francês tem o firme propósito de fazer da tenista a maior vencedora de Grand Slams da história. E que receba um reconhecimento maior. “A marca de Steffi parecia imbatível. Se Serena conseguir, esta será provavelmente a prova de que é a melhor de todos os tempos”, disse.

A mais difícil vitória é contra o racismo, do escancarado ao tenho-até-amigos-que-são. E, se você quer ajudar, não faça mais dela um assunto que não seja pelo seu incrível talento esportivo.

**Atualização:** *Serena estreou com vitória tranquila. Venceu o primeiro set por 6 a 0 e, quando tinha 2 a 0 no segundo, a russa Vitalia Diatchenko desistiu por causa de lesão.*

Rodrigo Borges

**Acesse no site de origem:** [Melhor do mundo, Serena Williams só não consegue derrotar o racismo \(Esporte Final, 31/08/2015\)](#)

---

## Futebol, sangue, suor e machismo, por Mariliz Pereira Jorge

**(Folha de S. Paulo, 13/06/2015)** Todo mundo sabe que está tendo Copa América. Mas talvez você não tenha se dado conta de que a Copa do Mundo feminina de futebol começou há uma semana no Canadá. Quase não se fala nisso. Ninguém. Nem o público nem a imprensa.

A própria Folha vem ignorando solenemente a competição. Abro o jornal, nada. Entro no site, nada. Me pergunto se a imprensa ignora por falta de interesse do público ou se o público acaba não se interessando em razão da cobertura pífia.

**Leia mais:** [Por que as conquistas históricas do futebol feminino não saem na mídia? \(Brasil de Fato, 13/06/2015\)](#)

Ouvi de um jornalista esportivo que futebol feminino é chato. Chato para mim é marmanjo chorar em campo e perder de lavada em casa. Chato e vergonhoso. Enfim, tive que apelar aos sites gringos para saber alguma coisa.

Não se fala de outra coisa. Os jogos estão sendo disputados em grama sintética. Isso nunca aconteceu quando os homens estão em campo.

No Canadá fica evidente o porquê. Gramado sintético é feito de borracha e plástico, que muda a característica do jogo e afeta o desempenho das jogadoras. Para pior, claro. Ninguém estaria reclamando se houvesse algum benefício.

Tem mais: durante o uso, a temperatura desse material sobe. O que explica porque fazia 50°C

no campo enquanto a temperatura em Edmonton, onde China e Canadá jogavam no sábado passado, era de 24°C. Não se trata apenas de desconforto. Significa que a saúde das atletas está sendo colocada em risco.

Segundo uma pesquisa da Universidade de Nevada, nos EUA, praticar esportes num calorão desse é totalmente fora de recomendação.

Há outros problemas. Na grama natural, o jogador que leva um tombo ou escorregão, levanta, limpa o short e volta para a partida. No piso sintético, o material pode arrancar a pele do atleta, causar assaduras e queimaduras.

A Fifa, que já chegou a sugerir que as atletas usassem shortinhos curtos e justos, está tendo que ver as jogadoras apelarem para meióes e bermudas de lycra embaixo do uniforme como proteção.

No final do ano, cerca de 60 atletas, entre elas a brasileira Marta, cinco vezes a melhor do mundo, entraram na Justiça do Canadá contra a Fifa e a Federação Canadense de Futebol pelo direito de jogar em gramados naturais. Senadores americanos intervieram pelas atletas, que acabaram desistindo do processo.

Por aqui, nenhum pio da CBF sobre os gramados canadenses, nenhum esforço para que o Mundial tenha mais visibilidade. Futebol de mulher, não é mesmo? No começo do ano, Marco Polo Del Nero encheu a boca para contar que, pela primeira vez na história do futebol nacional, as atletas da seleção feminina tinham salários fixos de R\$ 9.000.

Como diria meu pai, dinheiro de pinga. Ainda mais se compararmos com os dirigentes da CBF, que recebem salários milionários e não estão suando sangue pra representar seu país numa competição. Ainda mais se compararmos com os valores que envolvem a equipe masculina. Aquela que protagonizou o maior vexame do futebol brasileiro.

A seleção das garotas só vai virar notícia se começar a ganhar e chegar à final no dia 5 de julho, em Vancouver -onde eu gostaria de estar. Mesmo no futebol feminino, são os homens os donos da bola, tanto os que escolhem um gramado de merda quanto os que pautam as notícias, ou a falta delas.

Se isso tudo não é machismo, gostaria de saber o que é.

**Acesse o PDF:** [\*Futebol, sangue, suor e machismo, por Mariliz Pereira Jorge \(Folha de S. Paulo, 13/06/2015\)\*](#)

---

## **2º Relatório Anual Socioeconômico da Mulher faz diagnóstico para subsidiar**

## [políticas públicas](#)

**(Agência Patrícia Galvão, 09/04/2015)** *Publicação agrupa indicadores sobre estrutura demográfica brasileira, autonomia econômica e igualdade no mundo do trabalho, saúde integral, direitos sexuais e reprodutivos, educação, enfrentamento à violência, mulheres em espaços de poder e decisão, e esporte com recorte de gênero.*

A edição de 2014 do Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM), divulgada ontem (08/04) pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), reúne dados de diferentes fontes para traçar um diagnóstico sobre a situação socioeconômica da mulher em todas as regiões do Brasil. A proposta é contribuir para elaboração de políticas públicas de gênero e raça no País.

[Clique aqui para acessar a programação](#)

Iniciativa da SPM/PR, a segunda edição da publicação agrupa dados fornecidos pelo IBGE – com base na Pnad de 2012, Ministério da Saúde, Ministério do Esporte e pela própria SPM-PR – com intuito aprofundar a reflexão sobre a desigualdade de gênero na sociedade e pautar caminhos para maior participação social.

Traz, assim, indicadores sobre diferentes aspectos: em relação às mulheres na demográfica brasileira, sua autonomia econômica, nível de igualdade entre os gêneros no mundo do trabalho, saúde integral, direitos sexuais e reprodutivos, educação, enfrentamento à violência, mulheres em espaços de poder e decisão, e esporte com recorte de gênero.

Outras informações e dados relativos à pesquisa podem ser consultados no portal da SPM, no qual também está acessível [a íntegra da publicação](#).

---

## [Congresso poderá incentivar futebol feminino no país](#)

**(Senado Notícias, 09/04/2015)** Tradicional reduto masculino, o futebol vem pedindo passagem, há exatos 120 anos, para um maior envolvimento com o público feminino. O ano de 1895 marca a data da primeira partida de futebol feminino no mundo e sua celebração poderá estimular a realização de debates e de uma sessão solene no Congresso Nacional. A iniciativa foi divulgada, nesta quinta-feira (9), durante audiência pública sobre o tema “Mulher, esporte e movimento”, promoção conjunta da Procuradoria da Mulher do Senado e da Secretaria da Mulher da Câmara dos Deputados.

Quem trouxe a ideia ao Congresso foi Marco Antonio Teixeira, presidente da Associação Fifa-CIES-FGV-ALUMNI (AFCFA), dedicada à organização de cursos de gestão, marketing e direito no Esporte. A entidade elegeu 2015 como ano comemorativo do futebol feminino e

decidiu envolver o Poder Legislativo no incentivo à prática esportiva com a sugestão de algumas ações políticas.

Inicialmente, seriam realizadas três audiências públicas enfocando os 120 anos da primeira partida de futebol feminino; os programas e as linhas de financiamento governamental para a atividade; e o comprometimento de estados e municípios em estimular a adesão das mulheres ao esporte.

Outras frentes sugeridas seriam a elaboração de projeto de resolução para a criação da Medalha Miss Nettie Honeyball — Honra ao Mérito, destinada a homenagear personalidades de destaque no futebol feminino. E também uma sessão solene do Congresso voltada ao incentivo à prática em todo o país.

— O segmento do futebol está dominado pelos homens. Levantamento feito pela Fifa em 2014 revelou que apenas 8% de mulheres têm assento em comitês executivos nacionais — comentou Marco Antonio Teixeira, lamentando o fato de a Fifa decidir investir na formação de atletas femininos apenas US\$ 2 milhões dos US\$ 100 milhões que pretende aplicar no futebol brasileiro.

## **Centro de treinamento**

A coordenadora geral de futebol profissional do Ministério do Esporte, a ex-atleta do futebol Mariléia dos Santos (Michael Jackson), reconheceu que a falta de apoio ao futebol feminino tem dificultado a preparação de atletas para competições internacionais.

— O Brasil está aquém de outros países e este ano tem Copa do Mundo no Canadá, em junho. Se o país continuar olhando (a prática) com desprezo, não vamos chegar a lugar nenhum — desabafou.

Segundo informou Michael Jackson, a Lei de Incentivo ao Esporte (Lei nº 11.438/2006) vai viabilizar a construção, em Foz do Iguaçu (PR), do primeiro centro de formação de atletas do futebol feminino do país.

Integrante da Frente Parlamentar Mista do Esporte, a deputada federal Conceição Sampaio (PP-AM) se comprometeu a enviar ofício à Fifa para que o volume de investimentos ao futebol feminino seja elevado de US\$ 2 milhões para US\$ 10 milhões.

O debate sobre a mulher e o esporte contou ainda com a participação da deputada federal Flávia Moraes (PDT-GO), que também é membro desta frente parlamentar; e da representante da Secretaria do Esporte e Lazer do Distrito Federal Karem Raren Vilarins, ex-atleta do vôlei assim como a atual secretária da pasta, a campeã mundial Leila Barros.

*Simone Franco*

***Acesse no site de origem:*** [\*Congresso poderá incentivar futebol feminino no país \(Senado Notícias, 09/04/2015\)\*](#)

---

# Futebol feminino faz 120 anos e segue lutando por visibilidade

**(Esporte Fino, 30/03/2015)** A primeira partida oficial de futebol feminino comemorou 120 anos há uma semana, no dia 23 de março, e desde que o jogo começou a ser praticado por mulheres as opiniões divergem. Mesmo depois de tanto caminho percorrido e tantas barreiras ultrapassadas, ainda há quem diga que mulher não serve para jogar futebol, que o jogo delas é lento, que não atrai público e patrocínio. O mesmo discurso impera no meio há mais de um século.

O primeiro jogo reconhecido pela FIFA aconteceu em 1895 e foi organizado por Nettie Honeyball, fundadora do British Ladies Football Club, time que representava o Norte da Inglaterra e que goleou o time do Sul por 7×1. A partida aconteceu no Crouch End Athletic, em Londres e, segundo o jornal "The Guardian", atraiu 10 mil curiosos, entusiastas, jornalistas e críticos.

As mulheres não tinham experiência nenhuma no esporte e ainda entraram em campo uniformizadas com blusas, chapéus e calças muito largas amarradas abaixo do joelho. A roupa da ocasião foi tratada como uma evolução, afinal, mulheres só usavam saias longas em competições.

"Debo decir que la impresión que me ha dejado el partido de esta tarde ha sido la de un espectáculo bonito", afirmou um jornalista do The Guardian, identificado como "una mujer reportera", deixando claro a pouca consideração que as mulheres profissionais recebiam há mais de um século. O jornal de Manchester também apoiou a prática feminina: "Não há nenhuma razão para que as mulheres não abracem este esporte como um novo e saudável de entretenimento".

As críticas do Bristol Mercury and Daily Post reverberaram intolerância e preconceito. "Não sabem e nunca saberão jogar futebol. Nos alegramos que as mulheres não saibam jogar futebol e, mesmo que fossem capazes, este esporte sempre será inadequado ao seu sexo".

No Brasil, registra-se que o futebol feminino chegou por volta da década de 20 e seguiu pelos anos 30 e 40 praticado apenas como lazer, eventos beneficentes e espetáculos que atraíam grande quantidade de público. Em 1941, o então presidente Getúlio Vargas proibiu a prática de alguns esportes para as mulheres, dentre eles, o futebol. O impedimento seguiu com o golpe militar de 1964 e somente nos anos 80 é que a prática foi reconhecida oficialmente.

O preconceito e a proibição atrasaram a evolução do futebol feminino no Brasil, que ainda sofre com a falta de apoio, investimento, visibilidade e desenvolvimento. Grandes clubes não investem na modalidade alegando não haver retorno, patrocinadores não investem dinheiro alegando não haver visibilidade, o público não assiste as partidas porque não há exposição e assim, nessa toada, o esporte não cresce.

Em junho, no Canadá, acontece a 7ª edição da Copa do Mundo Feminina de Futebol. Pouco se ouve falar do torneio, das jogadoras, da seleção. Muitos acreditam que as grandes craques atuam somente fora do país e, por isso, não há visibilidade. Quase ninguém sabe que a CBF montou uma seleção feminina permanente, com o intuito de preparar intensamente o grupo e



se tornou responsável pelo condicionamento (físico e técnico) das atletas, além do salário, afinal, as jogadoras deixaram seus respectivos clubes para dedicação integral ao selecionado.

Será que esse é o caminho certo para difundir o futebol no Brasil? Será que é justo desfalcarmos times que investem na modalidade como o São José e o Centro Olímpico, para que possamos alcançar um título inédito pela seleção? Alguém pensa na base do futebol feminino, na revelação de talentos, em massificar os torneios como o Brasileirão e Copa do Brasil?

Infelizmente, nossa Marta, Formiga, Cristiane e Érika não durarão pra sempre. Marta é gênio com a bola no pé, é fato, mas sabemos que ela sobrevive da profissão porque atua fora do país. Mas e as outras? Não é justo ver tanto talento vivendo de migalhas pagas durante sete meses de um ano e sem o devido reconhecimento. Parece que, ainda hoje, vivemos exatamente a mesma realidade de 100 anos atrás, precisando provar para a sociedade que o futebol feminino pode ser verdadeiramente apreciado.

*Roberta Nina Cardoso*

**Acesse no site de origem:** [Futebol feminino faz 120 anos e segue lutando por visibilidade \(Esporte Fino, 30/03/2015\)](#)

---

## [Mundo do futebol condena o racismo dos radicais do Chelsea](#)

**(El País, 18/02/2015)** O Chelsea emitiu comunicado em que lamenta o “abominável” comportamento de um grupo de torcedores fanáticos do clube inglês na estação de Richelieu-Drouot do metrô de Paris, no centro da capital. Eles impediram o acesso ao vagão por um negro, acompanhando a ação com cânticos racistas, pelo que se depreende do vídeo gravado por um cidadão e publicado pelo jornal The Guardian. A promotoria pública parisiense anunciou nesta quarta-feira que vai investigar o caso e tentar localizar os radicais. A polícia londrina pediu a colaboração da população para identificar os autores dos cânticos: “Levamos essas coisas muito a sério, não importa onde ocorram. Reassistiremos ao vídeo para ver se conseguimos identificar essas pessoas e evitar que voltem a viajar para jogos no futuro”, disse em comunicado.

Os fatos aconteceram na terça-feira, antes da partida entre Paris Saint-Germain e Chelsea (1 a 1) na capital francesa. No vídeo, de um minuto de duração, é possível assistir à ação racista, acompanhada de gritos de incentivo ao Chelsea e do cântico “somos racistas e gostamos disso”. “Este tipo de comportamento é abominável e não tem lugar no futebol nem na sociedade. Apoiaremos qualquer ação legal contra os envolvidos e, caso fique demonstrado que são membros do clube ou têm passes para a temporada, o clube tomará as medidas mais duras possíveis, incluindo a proibição de entrada”, ameaçou o Chelsea.

Joseph Blatter, presidente da FIFA, também lamentou os incidentes de Paris. “Condeno as

ações de um pequeno grupo de fanáticos pelo Chelsea em Paris. Não há lugar para o racismo no futebol”, escreveu em seu Twitter. A UEFA se juntou à condenação, embora tenha assinalado que não pode tomar medidas contra o Chelsea porque tudo aconteceu fora do estádio: “Está nas mãos das autoridades investigar os fatos. Damos nosso apoio”.

**Acesse no site de origem:** [Mundo do futebol condena o racismo dos radicais do Chelsea \(El País, 18/02/2015\)](#)

---

## **MLB estuda implementar política contra violência doméstica no esporte**

**(Fox Sports, 24/09/2014)** Em meio à onda de violências domésticas que assolam a NFL (futebol americano) e o UFC (MMA), com escândalos envolvendo o running back Ray Rice e o lutador Thiago Silva, a MLB, liga norte-americana de beisebol, trabalha para implementar uma política em relação à casos deste tipo.

Em entrevista coletiva na última terça-feira (23 de setembro), o comissário Bud Selig afirmou que a MLB tomará atitudes nesta área. “Nós seremos bem proativos nesta área. Beisebol é uma instituição social e precisa lidar com estas coisas diretamente. E nós o faremos”, afirmou.

Selig afirmou que junto com o comissário-eleito Rob Manfred, o vice-presidente de relações trabalhistas, Dan Halem, e o diretor-executivo da Associação de Jogadores da MLB, Tony Clark, estão se reunindo para formular uma política para lidar com casos deste tipo. Enquanto isso, representantes da Liga têm se reunidos com diversos grupos para tratar do assunto.

“Temos nos encontrado com várias organizações - duas por dia, desde a última sexta-feira. Tinha duas (reuniões) hoje e mais duas amanhã. Também estamos falando com a Associação de Jogadores sobre isso”, completou.

**Acesse no site de origem:** [MLB estuda implementar política contra violência doméstica no esporte \(Fox Sports, 24/09/2014\)](#)

---

## **Racismo e homofobia possuem a mesma natureza, diz pesquisador**

**(Folha de S. Paulo, 21/09/2014)** Para Wagner Xavier de Camargo, 40, pesquisador na área de sexualidades dissonantes no esporte na Universidade Federal de São Carlos, a diferenciação feita por alguns entre ofensas racistas e homofóbicas em estádios não passa de senso comum.

Por trás do argumento de que os gritos de “bicha” são brincadeiras, diferentes dos gritos de “macaco” dirigidos a atletas negros, há o temor da ameaça que as identidades LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros/as) põem à “masculinidade hegemônica” no futebol, segundo ele.

“Colocar a homofobia como cômica é jogar a homossexualidade no registro da ficção. Negando que há atletas gays, tenta-se ignorar as possibilidades alternativas de existência que eles colocam ao universo segregador de gênero que é o esporte”, diz o pesquisador, que é pós-doutorando da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Em entrevista, ele discute a homofobia no esporte, a importância do manifesto contra o grito de “bicha” divulgado pelo Corinthians, as possibilidades de subverter a estrutura (“masculinista”) do esporte e a atuação das torcidas gays nas redes sociais hoje.

### **Folha - Como você avalia a homofobia no esporte hoje?**

Wagner Xavier de Camargo - A sua questão é bem ampla. Vou decompô-la em algumas partes, para começar. A homofobia é uma nova expressão de um problema antigo. Enquanto instituição, o esporte é segregador: divide corpos a partir de múltiplos critérios, como idade, gênero, entre outros, e deposita principalmente sobre o gênero masculino todas as suas expectativas. Essa expressão monoliticamente masculina do esporte massacrou desde sempre outras possibilidades não-institucionalizadas ou não-legitimadas socialmente, que são várias. As mulheres, por exemplo, foram segregadas desde sempre no esporte, e continuam sendo até hoje.

Já a homofobia enquanto aversão à relação entre iguais é algo relativamente novo. Isso porque a homossexualidade ganhou espaço nos últimos tempos, e se no passado “ficar no armário” era regra, estamos hoje numa fase de transição para a “visibilidade”, em que atletas gays têm sido reconhecidos publicamente por parcelas da sociedade.

Quando emerge, a homofobia tenta fazer frente a isso. Ela é uma espécie de antídoto para algo dissonante em relação ao que é aceito e legitimado. É uma forma de manutenção das estruturas, sempre.

### **Por que o preconceito no esporte continua com força?**

O esporte é uma instituição que segrega gêneros. Para funcionar, ele separa provas binariamente. Já no século 19, o esporte moderno é majoritariamente masculino. Mulheres não podiam praticar competições oficiais. E essas separações estão calcadas em preconceitos que vigoram até hoje. Dividir homens e mulheres segundo suas capacidades fisiológicas, argumentando que homens aguentam mais peso do que mulheres em provas como arremesso de disco, por exemplo, é algo que parte mais do senso comum preconceituoso do que de pesquisas científicas.

Por outro lado, os próprios atletas gostam de competir com pessoas de seu gênero. O corpo que coloca em questão o gênero (o transsexual homem ou mulher, por exemplo), que põe dúvidas à norma, apresenta uma ameaça à estabilidade, ao já conhecido. Dessa forma, os sujeitos reproduzem os preconceitos e perpetuam essa estrutura de segregação.

Os preconceitos estão incrustados em corpos, instituições e procedimentos, e assim eles se perpetuam em todas as esferas, inclusive no esporte.

**Na semana passada, o Corinthians publicou um manifesto contra o grito de “bicha” nos tiros de meta adversários. Depois disso, o presidente do STJD, Caio Rocha, disse que não vê discriminação quando um jogador heterossexual é chamado de “bicha”. Houve quem defendesse que esse tipo de xingamento é uma brincadeira e, portanto, menos grave que gritos racistas. O que você acha?**

Xingamentos racistas e homofóbicos são de mesma natureza, seguem a mesma lógica, e as pessoas têm que responder da mesma forma por eles. As pessoas falam que é brincadeira porque a sexualidade não pode ser colocada em um patamar sério sem trazer graves consequências.

A visão do presidente do STJD, que deveria ser munido de olhares ponderativos sobre o assunto e não dizer besteiras, é “boleira”, de senso comum. Colocar a homofobia como cômica é jogar a homossexualidade no registro da ficção, para não precisar lidar com sua existência. Negando que há atletas gays, tenta-se ignorar as possibilidades alternativas de existência que eles colocam ao universo segregador de gênero que é o esporte, onde o masculino está no topo da hierarquia

**Esse manifesto aponta um cenário mais otimista para as identidades LGBT no futebol brasileiro?**

Não necessariamente. Mas esse manifesto é bastante inédito: é claro, inteligível e vai direto ao ponto. E pode ser um primeiro movimento de um “efeito dominó”, que pode tocar todos os clubes do futebol brasileiro.

A problemática da homofobia no esporte chegou para ficar e deve se agudizar logo. No ano passado, quando o Emerson beijou o amigo dele e gerou toda a polêmica, muitos achavam que logo a questão dissiparia. Hoje, parece que a discussão vai estilhaçar para todos os cantos: começa na discussão do xingamento de “bicha”, e então pode alcançar a discussão séria sobre a sexualidade dos jogadores, sobre os ambientes homoeróticos no esporte.

**O que seria a “masculinidade hegemônica” no esporte, conceito que você utiliza em seus trabalhos?**

Trata-se de um conceito já utilizado por outros autores. O sociólogo americano Eric Anderson faz uma distinção entre “capital masculino” e “masculinidade hegemônica”. O “capital masculino” não é necessariamente hegemônico. Por exemplo, um atleta negro, musculoso, “testosteronado”, tem bastante capital masculino, mas não participa da hegemonia, porque não é branco. Ele está fora dos padrões de beleza estabelecidos socialmente.

A masculinidade hegemônica é o valor dominante de maneira mais ampla, na sociedade, e também no esporte. Ter masculinidade hegemônica é ser branco, musculoso, parecer heterossexual, ser cristão e bem educado. O gordinho e o negro estão fora desses padrões hegemônicos de beleza masculina, por exemplo.

Essa masculinidade hegemônica hierarquiza sujeitos: quem não faz parte da hegemonia é tratado como abjeto. Nessa classificação, as identidades femininas e LGBT são negativadas.

**De modo mais amplo, a homofobia tem diminuído, aumentado ou permanece igual?**

A homofobia tem aumentado. Isso porque os sujeitos dissonantes, ou seja, que não se encaixam

nos padrões da heteronormatividade, como os gays, e que mostram que existe algo para além da norma, têm conseguido mais visibilidade recentemente. Há mais gays e lésbicas andando de mãos dadas nas ruas; as travestis têm nome social, o que significa que partes da sociedade têm respeitado suas identidades. E toda ação gera uma reação. A homofobia aumenta porque a presença social dos homossexuais tem aumentado.

### **E a homofobia é mais intensa no universo esportivo?**

Não. É equivalente em outras esferas, como a religiosa e a militar. A intensidade é a mesma, mas a visibilidade é maior. Em instituições como o exército israelense, não se fica sabendo de expressões sexuais dissidentes, por exemplo. Salvo exceções, nas igrejas isso também é oculto. A homofobia no esporte pode parecer recrudescida porque é um espaço de trânsito comum - todos nós temos relações com o esporte. A lógica de discriminação é a mesma em todas as esferas, mas a visibilidade é maior no esporte.

### **E como subverter essas lógicas da discriminação no esporte?**

Não tem receita de bolo nem acordo entre os pesquisadores do tema. Para mim, não se trata de ocupar os espaços, mas de tentar se colocar de maneira diferenciada neles. Minha crítica aos atletas gays que entrevistei em minhas pesquisas é a de que não adianta eles mostrarem ao mundo heterossexual que conseguem organizar competições e disputar em alto nível. Para o mundo heterossexual, isso não importa nada, eles desconsideram a existência desses atletas e competições. O que tem que ser feito é subverter a própria prática esportiva, mudar as categorias binárias de gênero das atividades esportivas. Diminuir a distância de 100 m para 70 m no atletismo? Correr vestido de "drag queen"? Medir os níveis de estrogênio e dividir os atletas em categorias a partir disso? Não sei, é algo a se pensar, mas são possibilidades. A ideia de criar esportes alternativos é igualmente interessante.

O que falta é que esses atletas exerçam sua agência, subvertendo as atividades esportivas. Há o exemplo de um grupo de tailandesas voleibolistas que viajam o mundo em competição. São homens fisiologicamente e optaram por uma identidade de gênero feminina, ou seja, são mulheres. E extremamente femininas: cabelos longos, unhas longas, maquiadas, têm muito estrogênio. E apropriando-se da técnica do vôlei, competem contra homens e mulheres e ganham de qualquer um. E não se trata somente da vitória, mas também da performance: elas jogam dando um show. E assim subvertem a estrutura absolutamente masculinista do vôlei.

### **Atualmente, entre outras coisas, você está estudando torcidas gays de futebol. Poderia explicar um pouco da sua pesquisa?**

Desde o ano passado, tenho estudado a proliferação de páginas de torcidas alternativas na internet, como a Galo Queer, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, entre outras. São torcidas mais virtuais do que reais. Muitos dos que as apoiam curtem as páginas virtuais dessas torcidas no Facebook, mas não vão aos estádios com as camisas de seus clubes e com uma bandeira do arco-íris. É uma nova forma de torcer sem a ocupação do espaço físico.

As torcidas gays do passado seguiam uma outra lógica. Nos anos 1970, havia a Coligay, torcida organizada do Grêmio composta por homossexuais, que ia aos estádios, sofreu preconceito no começo e depois acabou até virando uma espécie de xodó na época, um "pé de coelho" do time. Naquela época, ir ao estádio e ocupar os espaços era importante para a visibilidade da causa. Nesse sentido, essas torcidas seguiam a mesma lógica dos movimentos estudantis da época, que saíam em massa às ruas para lutar por suas causas.

As torcidas gays de hoje ocupam os espaços possíveis. Com a violência e a homofobia generalizadas atualmente, ir ao estádio, além de uma experiência hostil, implica em riscos grandes para um torcedor organizado homossexual. Na internet, eles encontraram um novo meio de expressão e ocupam os espaços virtuais. E não são menos torcedores por isso, nem mais: eles torcem de maneira diferente.

*Guilherme Seto*

**Acesse o PDF:** [Racismo e homofobia possuem a mesma natureza, diz pesquisador \(Folha de S. Paulo, 21/09/2014\)](#)

---

## [Grupo classifica Copa como “anti-gay” e pede ações contra homofobia](#)

**(Terra, 11/07/2014)** O GLAAD, grupo que defende a comunidade lésbica, gay, bissexual e transexual (LGBT) nos meios de comunicação, enviou nesta sexta-feira uma carta, assinada por mais de 25 organizações, pedindo que a Fifa promova ações para erradicar a homofobia nos estádios de futebol.

“Em um momento no qual mais pessoas que nunca no mundo todo amam o esporte do futebol, seu maior torneio, a Copa do Mundo, está começando a ser conhecida como um evento anti-gay”, disse em comunicado Sarah Kate Ellis, presidente do GLAAD.

“As redes, os torcedores e os patrocinadores não querem ser associados com estádios cantando insultos contra as pessoas gays”, acrescentou Ellis, que espera profundas mudanças por parte da Fifa antes das Copas na Rússia, em 2018, e Catar, em 2022.

O grupo sustenta que, nos jogos do Mundial do Brasil, os torcedores nos estádios e em suas casas, através das transmissões televisivas, podiam ouvir grupos que entoavam insultos anti-gays aos membros da equipe rival.

Após investigar uma denúncia apresentada pelo grupo Futebol Contra o Racismo na Europa (FARE, na sigla em inglês), a Fifa disse que o uso do insulto “puto”, usado pela torcida do México, não era ofensivo no contexto de um jogo de futebol.

A expressão “puto” faz alusão de forma pejorativa aos homossexuais no México.

A próxima Copa do Mundo será realizada na Rússia, país que aprovou no ano passado uma série de leis que penalizam quem propaga mensagens sobre relações sexuais não tradicionais e castigam os que expressem na internet ou nas notícias uma opinião favorável aos gays.

A entidade indica, além disso, que a Copa de 2022 terá como sede o Catar, onde a comunidade gay pode ser presa por sua orientação sexual.

“O esporte é uma forma de unir as pessoas de todo o mundo. Permitir que o ódio seja parte das

partidas vai contra o espírito dos torneios como a Copa do Mundo”, concluiu Ellis.

**Acesse no site de origem:** [Grupo classifica Copa como “anti-gay” e pede ações contra homofobia \(Terra, 11/07/2014\)](#)